

# A COVID-19 A SERVIÇO DA NECROPOLÍTICA BRASILEIRA

Rodrigo de Araujo Merida Sanches<sup>32</sup>

## Introdução

A posse de Jair Bolsonaro como Presidente, em 2019, e a consequente legitimação de seu projeto de governo assumidamente ultraliberal, já deixava evidente que o Estado brasileiro assumiria, de vez, suas estruturas necropolíticas. Com o início da pandemia do coronavírus no Brasil, em março de 2020, esse processo foi acelerado.

Ficou evidente que as graves consequências econômicas trazidas pela pandemia afetaram mais a população negra e indígena do que os outros segmentos sociais, aumentando sua vulnerabilidade em todos os pontos, da saúde à educação, pois são eles que têm menos acesso às oportunidades de empregos formais, o que possibilitaria a realização de uma quarentena segura (COSTA, 2020; DIAS; OLIVEIRA, 2020).

Esse artigo propõe uma análise acerca dessa discussão, ou seja, de que forma a ideologia neoliberal defendida de forma explícita pelo Presidente da República, associada à característica necropolítica histórica do Estado brasileiro, produziu um efeito de agravamento da pandemia do COVID-19, impossibilitando as minorias sociais - população negra, pobre e o povo indígena - de

---

32 Mestrando no Programa Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP) e Bacharel em Gestão de Políticas Públicas pela mesma instituição.

realizar uma quarentena segura, expondo-os aos perigos do vírus.

Pouco mais de 7 meses após o início do surto do Coronavírus, por mais devastadora que ela tenha sido para toda a humanidade - contabilizando somente no Brasil, cerca de 150.000 mortos, segundo dados oficiais até meados de outubro -, as diferentes instituições de pesquisa no Brasil realizaram um intenso trabalho de pesquisa sobre as características que a pandemia assume em nosso país, sendo possível afirmar que o vírus mata mais pessoas pobres, negras e os povos originários (DIAS; OLIVEIRA, 2020).

Nesse sentido, esse artigo está dividido em três seções, primeiro realizou-se uma breve revisão teórica sobre o conceito de necropolítica, como ele está associado à projetos governamentais de cunho neoliberais e de que forma se manifesta historicamente no Brasil; em seguida foi analisada a posição do Governo Federal frente à catástrofe sanitária instalada no país e a relação entre a inação do Presidente e seu projeto neoliberal, tecendo, assim, breves conclusões sobre o tema, oferecendo insumos para o debate público.

### **O Estado brasileiro e a construção histórica da necropolítica**

O Estado brasileiro construiu seu sistema penal e policial a partir de uma estrutura onde qualquer tipo de organização social negra era criminalizado, passível de repressão e punição, uma política de segurança completamente enviesada racialmente, ou seja, uma estrutura notadamente racista. Essa política de segurança serviu também para controlar o surgimento

dos movimentos sociais negros no início do período republicano, movimentos esses que surgiam justamente para combater os excessos praticados pelas forças de segurança, e para exigir direitos e liberdade (DOMINGUES, 2007; SANCHES, 2020).

Essa argumentação ajuda a entender porque o Brasil fez do racismo parte de suas estruturas sociais e políticas, orientando as ações individuais e coletivas, públicas e privadas, das pessoas. O racismo, em todas as suas diferentes formas de manifestação e materialização, serve para manutenção da ordem social e econômica vigente (OLIVEIRA, 2018). Ou seja, “essa naturalização da violência contra os negros no Brasil é o que permite chamar de estrutural o racismo no Brasil”<sup>33</sup> (ALMEIDA, 2018, apud AMARAL; VARGAS, 2019, p. 131).

A necropolítica, como um Estado paralelo ao Estado democrático de direito, relativiza a vida e cria suas próprias regras, baseadas na decisão soberana dos que merecem viver e dos que merecem morrer. Em casos extremos, até mesmo institucionaliza essas regras e substitui os direitos do cidadão pelo direito do Estado, de decidir quem ele pode matar, e é nessa situação que se encaixa o estado de exceção e o estado de sítio para Mbembe (2018, p. 17), onde “tornaram-se a base normativa do direito de matar”.

Nesses termos, em um sistema liberal onde a responsabilidade do Estado em promover a igualdade social e a justiça é substituída, justamente, por uma política de morte - que atende a interesses de uma classe privilegiada - a indefensibilidade do

---

33 ALMEIDA, S. L. D. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018. in: AMARAL, A. J. VARGAS, M. C. S. “Necropolítica, racismo e sistema penal brasileiro”. Revista de Direito, Vol. 11, Número 1, Viçosa, 2019, p. 103 - 143.

povo negro à violência, de qualquer tipo, atinge níveis alarmantes (SANCHES, 2020). A lógica neoliberal somente potencializa a violência estatal e fornece novas “ferramentas para que o sistema penal potencialize suas políticas genocidas quanto àqueles que já estão à margem” (AMARAL; VARGAS, 2019, p. 117).

### **A COVID-19 e o desprezo do Governo Federal pela vida humana**

As relações entre o surgimento do Sars-cov-2, a pandemia e o capitalismo, cada dia mais desumano, que é assumido pelos governos globais, são evidentes. Como muito bem afirmam Vargas e Lawall (2020) as alterações humanas no meio ambiente, sua interação desregulada com o ciclo biológico animal e os efeitos do aquecimento global e do desmatamento das grandes florestas são as principais causas do surgimento de novos vírus recentemente, como o caso da síndrome respiratória do oriente médio - MERS-CoV -, ou seja, a destruição da natureza por parte do sistema capitalista coloca em risco o equilíbrio biológico da terra (VARGAS; LAWALL, 2020).

Os efeitos do capitalismo e do neoliberalismo se manifestam não só no surgimento dos novos vírus, mas também no controle dos surtos causados por eles. Em um país com um projeto claro de assassinato de seu povo, o surgimento de um novo vírus mortal pode ser muito útil, reforçando a lógica que pessoas podem perder a vida em detrimento da elevação da lucratividade do sistema capitalista, mentalidade própria das lideranças neoliberais.

Essa lógica foi impulsionada por uma liderança federal que escolheu defender o setor econômico ao invés de formular uma política nacional de apoio à quarentena, fornecendo uma

renda extra para que os trabalhadores e trabalhadoras tenham segurança financeira durante o isolamento e não sejam obrigados a se expor ao vírus para conseguir seu sustento e, em paralelo, utilizar-se dos bancos públicos para criar uma rede de crédito a baixo custo para que as empresas também possam se estruturar durante a paralisação sem ter que demitir funcionários para isso ou, na pior das hipóteses, fechar as portas (COSTA, 2020).

Essas diligências evitariam a propagação do vírus de forma tão acelerada e duradoura, como foi visto no Brasil. Países que adotaram políticas semelhantes saíram antes da quarentena, registraram menos óbitos - em relação ao total da população - e recuperaram mais cedo sua economia. Passados 7 meses do início do surto no Brasil vemos o inverso, a economia encolhe aceleradamente e os números de óbitos e novos casos teimam em não abaixar e, ao longo de todo esse tempo, centenas de milhares de pessoas perdem suas vidas, um cenário que poderia ser evitado.

Foi a partir de muita luta dos partidos de esquerda no Congresso Nacional, enfrentando a resistência declarada do governo Bolsonaro, que se conquistou o programa de auxílio emergencial durante a pandemia. Entretanto, o projeto foi mal implementado pelo Governo Federal, à vista disso, milhões de pessoas não conseguiram acesso ao benefício ou só vão poder contar com a renda até o final do ano, em virtude do cancelamento previsto para dezembro, ignorando o fato de que os efeitos da crise econômica vão perdurar por muito tempo (COSTA, 2020; DIAS; OLIVEIRA, 2020; FONTES, 2020).

Dentro desse contexto de catástrofe sanitária e econômica pesquisas já mostram quais setores foram mais afetados, e o povo negro de periferia e as populações indígenas são a maioria entre o número de casos e os óbitos. Além desse grupo ter menos estrutura financeira para realizar uma quarentena completa, estão mais suscetíveis à crise econômica e são maioria entre os que perderam seus empregos, sendo obrigados a sair de casa para sobreviver (COSTA, 2020. DIAS; OLIVEIRA, 2020. FONTES, 2020). Uma triste marca, porém previsível, dentro de uma lógica estatal que, historicamente, escolheu assassinar o povo negro e periférico, assumindo esse projeto como política de Estado associada às diretrizes neoliberais mais ortodoxas. No Brasil, a vida humana, principalmente da população negra, nunca foi valorizada e isso não é coincidência, é um projeto em curso (SANCHES, 2020).

### **Bibliografia**

AMARAL, A. J. VARGAS, M. C. S. Necropolítica, racismo e sistema penal brasileiro. **Revista de Direito**, Vol. 11, Número 1, Viçosa, 2019, p. 103 - 143.

COSTA, S. S. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Vol. 54, Número 4, Rio de Janeiro, 2020, p. 969 - 978.

DIAS, C.; OLIVEIRA, D. Covid-19 escancara abismo social entre população negra e branca. **Le monde diplomatique Brasil**. Acervo Online, 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/covid-19-escancara-abismo-social-entre-populacao-negra-e-branca/>.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Vol. 12, Número 23, Rio de Janeiro, 2007, p. 100 - 122.

FONTES, L. Pandemia, crise e periferias. **Le monde diplomatique Brasil**. Acervo Online, 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/pandemia-crise-e-periferias/>.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. Edição 1, São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 5 - 71.

OLIVEIRA, D. A violência estrutural na América Latina na lógica do sistema da necropolítica e da colonialidade do poder. **Revista Extraprensa**, Vol. 11, Número 2, São Paulo, 2018, p. 39 - 57.

SANCHES, R. A. M. Violência estatal e racismo estrutural: Uma análise do projeto neoliberal brasileiro como legitimação do genocídio da população negra. In: Marco Bettine. (Org.). **Mudança Social e Participação Política: os conflitos, as transformações e as utopias**. 1ed. São Paulo: Independently published, 2020, v. 1, p. 32-43.

VARGAS, K. B. LAWALL. S. Reflexões Biogeográficas acerca da origem, hipóteses, dispersão e distribuição dos Sars-CoV-2 (Corona Vírus). **Geografia Ensino e Pesquisa**, Vol. 24, e 19, Santa Maria, 2020, p. 1 - 32.